



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA



SIDIANE LUCIA ALVES

**O PROFISSIONAL DOCENTE COMO “UM PERSUASOR PERMANENTE”: AS
CONTRIBUIÇÕES DE ANTONIO GRAMSCI E UMA NOVA TEORIA DA
EDUCAÇÃO**

ARAXA – MG

2021

SIDIANE LUCIA ALVES

**O PROFISSIONAL DOCENTE COMO “UM PERSUASOR PERMANENTE”: AS
CONTRIBUIÇÕES DE ANTONIO GRAMSCI E UMA NOVA TEORIA DA
EDUCAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia apresentado como requisito avaliativo final para obtenção do título de licenciada em Pedagogia, da Universidade Federal de Uberlândia-UFU.

Orientador: Prof. Dr. Armindo Quillici Neto.

ARAXA – MG

2021

**O PROFISSIONAL DOCENTE COMO “UM PERSUASOR PERMANENTE”: AS
CONTRIBUIÇÕES DE ANTONIO GRAMSCI E UMA NOVA TEORIA DA
EDUCAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado para a obtenção de licenciatura em Pedagogia no Curso de Pedagogia a Distância da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, pela banca examinadora formada por:

Uberlândia, 8 de novembro de 2021.

Banca Examinadora:

Nome – Titulação (sigla da instituição)

Nome – Titulação (sigla da instituição)

Nome – Titulação (sigla da instituição)

Nome – Titulação (sigla da instituição)

DEDICATÓRIA

À minha mãe Vera, pelo incentivo e pelo apoio incondicional.
Ao meu marido e filhas, por todo apoio, incentivo e sua paciência para que tudo isso se tornasse possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me proporcionar perseverança durante toda a minha vida.

À minha mãe pelo apoio e incentivo que serviram de alicerce para as minhas realizações.

Ao meu marido Diego Aurélio Militão e minhas filhas, Kerolayne e Samara, pelo amor incondicional.

Ao professor orientador Dr. Armino Quillici Neto por ajudar-me com suas valiosas contribuições dadas durante todo o processo de pesquisa e elaboração deste projeto.

À tutora Rita de Cássia Starling pelo apoio e incentivo durante todo o processo de formação.

A todos os meus colegas do curso de graduação que compartilharam dos inúmeros desafios que enfrentamos, sempre com o espírito colaborativo.

Também quero agradecer à Universidade Federal de Uberlândia e ao seu corpo docente que demonstraram estar comprometidos com a qualidade e excelência do ensino.

A tendência democrática de escola não pode consistir apenas em que um operário manual se torne qualificado, mas em que cada cidadão possa se tornar governante.

A. Gramsci

RESUMO

O presente estudo evidencia a figura e a missão do intelectual orgânico dentro de uma sociedade dividida em classes sociais, conceito este desenvolvido pelo pensador italiano Antonio Gramsci. Ativista político e comunista, Gramsci, inspirado na filosofia de Karl Marx, tece críticas sobre o antagonismo de classes na sociedade moderna e dá ênfase ao papel do “intelectual” enquanto agente transformador e libertador, o porta voz da classe trabalhadora, oprimida e subalterna. Por meio da intervenção do “intelectual”, uma nova cultura emerge e, conseqüentemente, a criação de novos valores coletivos e de uma outra visão de mundo. Ao “intelectual” da classe oprimida cabe ser o porta-voz da ideologia e do interesse social dela. Sob essa perspectiva, pretende-se, ainda, discorrer sobre a prática docente à luz da filosofia gramsciana do “intelectual orgânico” como transformador da realidade social, de modo a colaborar para a construção de uma educação de qualidade que assegure um desenvolvimento integral dos sujeitos aprendentes - desenvolvimento que possa engendrar indivíduos autônomos, críticos, solidários, competentes, cidadãos ativos para a prática da justiça social, respeito pelo outro e pela diferença que este representa. Enfim, educar de modo a promover outras formas de pensar a si mesmo, a existência, as relações sociais constituídas, a política e o meio social em que se está inserido. Segundo Gramsci, educar os sujeitos não só para o “trabalho manual” ou técnico, mas também educar para o “trabalho intelectual”, para planejar, comandar. O profissional docente não é apenas um especialista intelectual, mas também um transformador e formador de opinião, portanto, um “persuasor permanente”.

Palavras-chave: Antonio Gramsci. Intelectual orgânico. Profissional docente. Reflexão.

ABSTRACT

This study highlights the figure and mission of the organic intellectual within a society divided into social classes, a concept developed by the Italian thinker Antonio Gramsci. Political activist and communist, Gramsci, inspired by the philosophy of Karl Marx, criticizes the antagonism of classes in modern society and emphasizes the role of the “intellectual” as a transformative and liberating agent, the spokesperson for the oppressed and subordinate working class. Through the intervention of the “intellectual” a new culture emerges and consequently the creation of new collective values and another worldview. From this perspective, it is also intended to discuss teaching practice in the light of the Gramscian philosophy of the "organic intellectual" as a transformer of social reality in order to collaborate in the construction of a quality education that ensures an integral development of the learning subjects - development that can engender autonomous, critical, solidary, competent individuals, active citizens for the practice of social justice, respect for others and for the difference they represent. Finally, to educate in order to promote other ways of thinking about oneself, existence, constituted social relations, politics and the social environment in which it is inserted. According to Gramsci, educating subjects not only for “manual work” or technical work, but also for “intellectual work”, to plan, command. The teaching professional is not only an intellectual specialist, but also a transformer and opinion maker, therefore a “permanent persuader”.

Keywords: Antonio Gramsci. Organicintellectual.Teaching professional. Reflection.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 10 |
| 2. O CONCEITO DE INTELECTUAL ORGÂNICO | 11 |
| 2.1 Intelectual Orgânico X Intelectual Tradicional | 13 |
| 3. EDUCAÇÃO E TRABALHO | 15 |
| 4. O PAPEL DO DOCENTE E A FORMAÇÃO INTELECTUAL | 18 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 19 |
| REFERÊNCIA(S) BIBLIOGRÁFICA(S) | 20 |

O PROFISSIONAL DOCENTE COMO “UM PERSUASOR PERMANENTE”: AS CONTRIBUIÇÕES DE ANTONIO GRAMSCI E UMA NOVA TEORIA DA EDUCAÇÃO

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo e trabalho foi realizado em parceria com a colega de curso Claudia Marques Ferreira e relaciona a função do profissional docente a figura e a missão do intelectual orgânico, conceito este desenvolvido pelo pensador italiano Antonio Gramsci (1891-1937). Ativista político e comunista, Gramsci, inspirado na filosofia de Karl Marx, tece críticas sobre o antagonismo de classes na sociedade moderna e dá ênfase ao papel do “intelectual” enquanto agente transformador e libertador, o porta voz da classe trabalhadora, oprimida e subalterna. Por meio da intervenção do “intelectual”, uma nova cultura emerge e, conseqüentemente, a criação de novos valores coletivos e de outra visão de mundo. Ao “intelectual” da classe oprimida cabe ser o porta-voz da ideologia e do interesse social dela. Sob essa perspectiva, pretende-se, ainda, discorrer sobre a prática docente à luz da filosofia gramsciana do “intelectual orgânico” como transformador da realidade social, de modo a colaborar para a construção de uma educação de qualidade que assegure um desenvolvimento integral dos sujeitos aprendentes - desenvolvimento que possa engendrar indivíduos autônomos, críticos, solidários, competentes, cidadãos ativos para a prática da justiça social, respeito pelo outro e pela diferença que este representa.

Ao aliar a prática docente ao ideal do “intelectual orgânico”, fica claro que o exercício de educar implica em promover ou provocar postura pensante, reflexiva e crítica aos aprendizes e não apenas preencher seus intelectos com a memorização de equações, fórmulas, teorias, fatos e datas. Compete ao profissional docente, investido da postura do intelectual orgânico, clarificar a realidade vivenciada a fim de dar sentido à estrutura cultural e social herdada, concebida de forma fracionada, ou até contraditória, pelos sujeitos aprendentes. Nas palavras de Gramsci (2010),

O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência, motor exterior e momentânea dos afetos e das paixões, mas num imiscuir-se ativamente na vida prática, como construtor, organizador, “persuasor

permanente”, e não somente um simples orador (...); desde a técnica-como-trabalho passa-se à técnica-como-ciência e à concepção humanista da história, sem a qual se permanece “especialista” e não se passa à categoria de “dirigente” (especialista e político) (p. 22)

Assim, o docente, no cumprimento do seu dever, educa para a transcendência cultural da grande massa, a formação de mulheres e homens, os tornando aptos a apreender de forma global a realidade em que vivem e, conseqüentemente, tornarem-se indivíduos capazes de refletir e agir para modificar esta mesma realidade, ou seja, sua existência, as relações sociais constituídas, a política e o meio social em que se está inserido. Segundo Gramsci, a educação dos sujeitos não pode se restringir somente para o “trabalho manual” ou técnico, mas deve-se instruí-los para o “trabalho intelectual”, para planejar e governar. O profissional docente não é apenas um especialista intelectual, mas também um transformador e formador de opinião, portanto, na visão gramsciana um “persuasor permanente”. Sob tal enfoque, Gramsci tece considerações, a saber:

(...) “no mundo moderno a educação técnica, intimamente ligada ao trabalho industrial, mesmo ao mais primitivo e menos qualificado, deve constituir a base do novo tipo de intelectual”. Isso significa, portanto, uma educação para todos e um vínculo estreito entre a escola e o trabalho, assim como entre a educação técnica e a educação humanista (2010, p. 22).

O profissional docente tem como função intrasferível a promoção das condições intelectuais favoráveis a ampliação da capacidade reflexiva e crítica de seu alunado em relação às condições de produção e de difusão dos saberes científicos, culturais e até da informação. A desigualdade mais grave se faz presente quando as pessoas mais pobres, os menos abastados economicamente, não conseguem acesso ao saberes científicos, aos elementos básicos da cultura para análise e reflexão sobre o seu meio social e para a prática de uma cidadania ativa. Portanto, o docente enquanto “um intelectual persuasor” deve promover o pensar crítico e reflexivo do seu alunado de modo que eles possam agir sobre o meio social e, ao mesmo tempo, entender e ter consciência sobre a ação praticada.]

2. O INTELLECTUAL ORGÂNICO

Antonio Gramsci é um dos pensadores mais citados no seara da educação. Seus textos influenciaram, e continuam influenciando, uma legião de educadores, tornando seu nome sinônimo de orgulho e aprofundamento teórico.

Gramsci, italiano de Sardenha, nasceu em 1891 e presenciou vários acontecimentos históricos como: a Primeira Guerra Mundial, Revolução Bolchevique e a ascensão do fascismo. Tais experiências o levaram a se preocupar principalmente com a educação e sua relação com o trabalho.

“Para não criar mamíferos de luxo”, frase célebre de Gramsci, denuncia, em poucas palavras, sua preocupação com a educação e sua relação com o processo de trabalho. Toda a teoria de Gramsci incorpora ideias marxistas, bem como a importância da luta pela consciência de classe no processo de transformação da sociedade capitalista.

O interesse de Gramsci pela educação e pela escola se intensificou a partir da ampliação de seus estudos acerca do Estado capitalista e de sua ruptura com teorias dominantes que influenciavam o movimento socialista da Itália – principalmente Benedetto Croce e Giovanni Gentile. A partir desta fase, Gramsci recuperou a leitura dialética de algumas formulações de Karl Marx e passou a enxergar na escola pública uma das possibilidades concretas de obter-se consciência de classe, associada à ideia do processo de trabalho como um princípio educativo.

Em 1980, os educadores brasileiros, influenciados pelos pensamentos de Gramsci, começaram a relacionar suas teorias com a educação brasileira, que se traduziria pelo empenho na linha da formulação de uma pedagogia inspirada nas ideias dele, constituindo uma contra-hegemônica que permitisse orientar a organização da educação e a prática do ensino nas condições brasileiras.

A socióloga brasileira Bárbara Freitag (1997) classificou, à época, a prática do ensino brasileiro como os dois modelos clássicos da economia da educação: o modelo do investimento e o modelo da demanda. O primeiro modelo enfatiza a racionalidade traduzida na busca do máximo de resultados com o mínimo de dispêndio. O segundo busca o equilíbrio entre a oferta e a demanda de mão de obra no mercado de trabalho. No primeiro modelo está em causa a alocação dos investimentos educacionais no orçamento público. No segundo, busca-se converter as escolas em fábricas de mão de obra. Ao planejamento educacional atribuiu-se a

tarefa de executar na prática o que os dois modelos referidos formulavam na teoria. A essa tendência no plano da política educacional e na organização das escolas se associou, de forma um tanto contraditória, a adoção crescente do construtivismo no plano didático.

Voltando à Europa do século XIX, a discussão da escola como dever do Estado vinha acompanhada do debate acerca da “escola comum, única e desinteressada”, o que desvelava e fazia a crítica ao paradoxo entre a formação científica e humanista destinada à elite burguesa e a formação técnica voltada à classe trabalhadora, não muito diferente das condições de ensino encontradas no Brasil na década de 80.

Contudo, Segundo Mota (2011, p. 48), Gramsci admite a conveniência daqueles que dirigem o Estado em benefício da elite, “defende a educação pública e de dever do Estado” (p. 47): “Serviços públicos intelectuais: além da escola, nos vários níveis, que outros serviços não podem ser deixados à iniciativa privada, mas – numa sociedade moderna – devem ser assegurados pelo Estado e pelas entidades locais [...]” (GRAMSCI, 2001, p. 187). Mota (2011) esclarece que o filósofo italiano parte do princípio “de que o Estado burguês efetivamente democrático tem o dever de oferecer uma escola gratuita aos governados, de formação técnica e geral, que lhes ofereça também as condições de governar” (p. 47).

2.1 Intelectual tradicional x intelectual orgânico

Em sua análise social, Gramsci identificou dois grupos de intelectuais: os tradicionais e os orgânicos. De acordo com Moraes, Melo Jr. e Domingues (2019), o pensador descreve os intelectuais tradicionais como “uma continuidade histórica em meio às mudanças sociais e políticas, tal como os eclesiásticos que procuram conservar as características de sua tradição” (p. 151-152). Sobre os intelectuais orgânicos Gramsci, esclarece:

Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político (...) (GRAMSCI, 1982, p. 3).

O intelectual orgânico concebido por Gramsci, assim denomina-se porque emerge “organicamente” de sua classe social e a ela continua conectado ao se tornar o porta voz dos

ideários e desejos de classe fazendo oposição ao intelectual tradicional, aquele que se filia a uma entidade ou grupo social que apresenta os ideais em comum com seus membros.

De acordo com Semeraro (2011, p, 377), os “orgânicos” “são os intelectuais que fazem parte de um organismo vivo e em expansão”, isto é, são aqueles intelectuais comprometidos com a estruturação do seu grupo social enquanto entidade, associação. Semeraro (2011), de posse da filosofia gramsciana, complementa:

Por isso, estão ao mesmo tempo conectados ao mundo do trabalho, às organizações políticas e culturais mais avançadas que o seu grupo social desenvolve para dirigir a sociedade. Ao fazer parte ativa dessa trama, os intelectuais “orgânicos” se interligam a um projeto global de sociedade e a um tipo de Estado capaz de operar a “conformação das massas no nível de produção” material e cultural exigido pela classe no poder. Então, são orgânicos os intelectuais que, além de especialistas na sua profissão, que os vincula profundamente ao modo de produção do seu tempo, elaboram uma concepção ético-política que os habilita a exercer funções culturais, educativas e organizativas para assegurar a hegemonia social e o domínio estatal da classe que representam (Gramsci, 1975, p. 1.518). Conscientes de seus vínculos de classe, manifestam sua atividade intelectual de diversas formas: no trabalho, como técnicos e especialistas dos conhecimentos mais avançados; no interior da sociedade civil, para construir o consenso em torno do projeto da classe que defendem; na sociedade política, para garantir as funções jurídico-administrativas e a manutenção do poder do seu grupo social. (SEMERARO, 2011, p. 377-378)

A mensagem central de Gramsci é que a organização da cultura é “organicamente” ligada ao poder dominante. Os intelectuais não podem ser definidos pelo trabalho que fazem, mas pelo papel que desempenham na sociedade; essa função, de forma mais ou menos consciente, é sempre uma função de “liderar” técnica e politicamente um grupo, quer o grupo dominante, quer outro grupo que aspire a uma posição de dominação.

Não obstante, o intelectual tradicional, segundo Gramsci, expressa seus interesses particulares acima daqueles compartilhados por um grupo social, caracterizando pelo afastamento das classes sociais. Como entidades formadoras de intelectuais tradicionais pode-se citar a Igreja, as Forças Armadas e as instituições de ensino superior.

O intelectual orgânico nascido da massa e que se opõe ao intelectual tradicional ou de gabinete, para se constituir coerentemente à perspectiva de mundo dos sujeitos mais vulneráveis e marginalizados socialmente e que tem a capacidade (e o dever) de instruir, mediar a grande massa “a consciência de sua missão histórica”. O intelectual orgânico gramsciano torna-se o responsável pela organização das massas e conscientizá-las de sua condição social é sua missão.

Assim, o profissional docente no exercício da prática educativa deve unificar a teoria com a prática e, viabilizando a ação revolucionária com a transformação intelectual, contribuir para a formação de sujeitos mais cultos, instruídos e que possam exercer, dentro do sistema produtivo da sociedade, trabalhos considerados “não manuais”. Gramsci,

[..]valorizou o papel da escola no projeto de democratização da cultura e do saber e desenvolveu vários estudos sobre o tema. A educação proposta por Gramsci está centrada no valor do trabalho e na tarefa de superar as dicotomias existentes entre o fazer e o pensar, entre cultura erudita e cultura popular. Para tanto, a escola classista burguesa precisaria ser substituída pela escola unitária, assim chamada porque oferece a mesma educação para todas as crianças, a fim de desenvolver nelas a capacidade de trabalhar manual e intelectualmente. Nesse caso, entrar em contato com a técnica de seu tempo não significa deixar de lado a cultura geral, humanista, formativa (ARANHA & MARTINS, 2009, p. 330).

Na concepção gramsciana, “todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então, mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectual” (GRAMSCI, 1982, p. 7) . Desse modo, o que diferencia um intelectual de um não-intelectual é a variante relativa ao peso que a atividade braçal ou intelectual tem na vida de cada indivíduo. O desafio de se criar uma classe de intelectuais consiste em elaborar criticamente a atividade intelectual que existe em cada indivíduo em determinado grau de desenvolvimento histórico das forças produtivas para uma nova e integral concepção de mundo. O modo de agir desse novo intelectual não consiste na arte da persuasão dos afetos, mas em um envolvimento consequente na vida prática, numa relação orgânica, engajada com a classe que lhe deu origem, garantindo a essa um consenso social a respeito do seu domínio. O intelectual orgânico é um sujeito persuasivo permanente.

3. EDUCAÇÃO E TRABALHO

Com a consolidação da ideia de dever do Estado para com a educação e o fortalecimento dos ideais liberais e democráticos burgueses, que neste período começaram a se cristalizar, a burguesia deparou-se com um dilema: qual educação oferecer à classe trabalhadora? Nesse contexto em que Gramsci aparece com suas considerações para fazerem parte deste debate, revelando as relações dicotômicas entre educação cultural e instrução para o trabalho, bem como atividade intelectual e manual.

Para Gramsci, é preciso educar o trabalhador desenvolvendo-o a ponto de surgirem intelectuais dentro da classe trabalhadora, que defenderiam a transformação da sociedade capitalista por meio da revolução da classe trabalhadora. Surge a perspectiva educacional do partido, que para Gramsci é fundamental na formação de intelectuais que deem consistência à luta pelos interesses da classe trabalhadora e, a partir da revolução, estejam capacitados para governar e orientar a gênese de um novo modelo de sociedade. Gramsci entendeu que a classe dominante sempre tenta corromper intelectuais orgânicos da classe trabalhadora, na intenção de agregá-los em seus partidos. Em contrapartida, a mesma iniciativa deve ser adotada pela classe operária na tentativa de agregar intelectuais orgânicos burgueses ao partido e à luta revolucionária. Trata-se da estratégia de fundir.

[...] intelectuais profissionais burgueses descontentes, intelectuais profissionais (tradicionais) provenientes do proletariado e intelectuais proletários orgânicos, os pensadores-organizadores com uma concepção de mundo consciente que transcendesse seus interesses de classe. São estes os intelectuais que o partido precisa estimular e mobilizar, despertando os trabalhadores para as suas possibilidades intelectuais, através das funções educacionais do partido. (CARNOY, 1994, p. 115).

Diante de um sistema educacional caracterizado pelo seu elitismo tradicional, Gramsci fundamenta sua estratégia política o Estado, que consistia na construção da independência intelectual e cultural da classe subalterna. Uma de suas críticas relacionava-se à ideia de uma escola que distinguisse precocemente a formação profissional e a formação intelectual e humanista geral. Gramsci (1991) fez a crítica à divisão entre a escola clássica e profissional: “[...] a escola profissional destinava-se às classes instrumentais, ao passo que a clássica se destinava às classes dominantes e aos intelectuais” (p. 118).

Assim, a preocupação de Gramsci com a educação tinha relação com a sua crítica ao ensino técnico italiano de caráter pragmático, destinado aos trabalhadores – e estes destinados ao trabalho assalariado, a submissão e exploração pelo capital – e ao ensino humanista italiano, oferecido à burguesia – esta sim destinada a comandar, a dominar, a governar a sociedade capitalista, compondo os cargos na administração pública do Estado liberal-burguês.

Contudo o processo de trabalho para Gramsci deve ser o princípio educativo, mas não o modelo de escola profissional de sua época (não diferente hoje) que apenas cumpria a função de eternizar as estratificações de classes e a predestinação da maioria ao trabalho alienante, sob

falsos princípios democráticos. Mas, sim, uma escola que proporcione as condições para “[...] que cada ‘cidadão’ possa tornar-se ‘governante’ e que a sociedade o ponha, ainda que ‘abstratamente’, nas condições gerais de poder fazê-lo [...]” (GRAMSCI, 2001, p. 50).

Portanto, para o pensador italiano, a escola deveria ser “comum, única e desinteressada”. “Comum”, pois, deveria ser para todos, com oportunidades de acesso igual. “Única” no sentido em que fosse ofertada a todos os indivíduos, sem distinção social, para que todos tivessem as mesmas oportunidades profissionais. A ideia de uma escola “desinteressada” está ligada a uma concepção de educação que oportunize a absorção e assimilação pelo educando de todo o seu passado cultural, acumulado historicamente e que deu origem à sociedade em que o indivíduo está inserido. Em seu tempo, Gramsci defendia uma educação que proporcionasse ao educando o conhecimento de toda a história anterior à civilização moderna, condição “[...] para ser e conhecer conscientemente a si mesmo” (GRAMSCI, 2001, p. 46).

Para Gramsci, todo ou a maior parte do processo educativo de um indivíduo, desde sua infância até sua escolha profissional, deve estar calcado em princípios “desinteressados” e proporcionar uma formação humanista geral. O autor chama atenção também para a função do prolongamento do aprendizado do aluno nos círculos familiares, geralmente privilégios dos filhos das famílias pertencentes às camadas mais ricas. Além disso, argumenta que os alunos que residem nas cidades possuem uma “bagagem” de conhecimentos que facilita o aprendizado. Neste sentido, apoiada numa rede de auxílios à infância, a escola unitária deve proporcionar a todos os alunos estas mesmas condições de absorção de conhecimentos tecnicamente superiores e necessários à aquisição de aptidões pré-escolares e à disciplina de vida coletiva.

Entretanto, o discurso de Gramsci sobre a escola nasce do discurso sobre os intelectuais, sobre a cultura e o princípio educativo da classe trabalhadora. Para que a escola não reproduza o consenso e a hegemonia burguesa, o pensador reforça a importância da construção de uma interpretação da cultura própria da classe trabalhadora e, a partir disso, de um novo princípio educativo. A chave para a classe proletária apropriar-se da cultura, do conhecimento, estaria na luta pela autonomia dos intelectuais proletários em relação aos intelectuais burgueses.

Ao admitir a importância do controle do processo da produção e do instrumento de trabalho, ou seja, do conhecimento técnico-científico, Gramsci admite a importância do trabalho como um princípio educativo.

[...] o estudo é também um trabalho, e muito cansativo, com um tirocínio particular próprio, não só intelectual, mas também muscular-nervoso: é um

processo de adaptação, e um hábito adquirido com esforço, aborrecimento e até mesmo sofrimento. (GRAMSCI, 2001, p. 51).

Portanto, para ele, o processo de trabalho como princípio educativo é imprescindível na formação de novos intelectuais orgânicos para a classe trabalhadora que, organizada, concretize o ideal de uma sociedade emancipadora, onde tanto o trabalho material quanto o trabalho imaterial absorvam uma visão crítica da realidade, uma visão coerente e unitária, que levem em conta a racionalidade, a totalidade e a historicidade das relações sociais.

4. O PAPEL DO DOCENTE E A FORMAÇÃO INTELECTUAL

Partindo da análise dos textos de Gramsci (1989) e o contexto da educação da época, classificam-se a luta contra a exploração e a dominação como sendo árduas, visto a exigente e complexa transformação nas ações humanas. Assim, o papel do docente torna-se essencial na construção dessa “nova escola”, abolindo os programas tradicionais de formação dos professores e dando ênfase a uma educação que emancipe e transforme. Cabe diferenciar o papel do professor medíocre ou mediano, que é aquele que instrui, porém não eleva a percepção do estudante à máxima do conhecimento culto, do papel do docente que possibilita a emancipação.

Para Oliveira e Silva, a linha de pensamento de Gramsci traz o professor, ou melhor, o corpo docente coletivo como um elemento central na reestruturação do papel da escola e também como o elo para atingir uma educação que transforme as relações sociais e, por sua vez, a emancipação humana. (OLIVEIRA E SILVA, 2020).

O estudo e o aprendizado dos métodos criativos na ciência e na vida deve começar nesta última fase da escola, e não deve ser mais um monopólio da universidade ou ser deixado ao acaso da vida prática: esta fase escolar já deve contribuir para desenvolver o elemento da responsabilidade autônoma nos indivíduos, deve ser uma escola criadora. [...] Assim, a escola criadora não significa escola de “inventores e descobridores”; ela indica uma fase e um método de investigação e de conhecimento, e não um “programa” predeterminado que obrigue à inovação e à originalidade a todo custo. Indica que a aprendizagem ocorre notadamente graças a um esforço espontâneo e autônomo do discente, e no qual o professor exerce apenas uma função de guia amigável, como ocorre ou deveria ocorrer na universidade. Descobrir por si mesmo uma verdade, sem sugestões e ajudas exteriores, é criação (mesmo que a verdade seja velha) e demonstra a posse do método; indica que, de qualquer

modo, entrou-se na fase da maturidade intelectual na qual se pode descobrir verdades novas. (GRAMSCI, 1991, p. 124-125, aspas do autor).

A função do professor, enquanto indivíduo consciente das diferenças naturais entre o tipo de sociedade e de cultura do educando e de si mesmo, deve ser a de formar o educando sob o cenário de luta entre o tipo superior e o tipo inferior (GRAMSCI, 2001). Parece-nos que este conceito, se não tratado com o devido cuidado, pode nos levar a um ensino sob princípios ideológicos sedimentados em interesses hegemônicos de classe, representados pelo docente, caso não se tratar de um profissional devidamente politizado e comprometido com os interesses das classes subalternas e oprimidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta educacional gramsciana de “escola unitária” pressupõe uma reforma imediata, ou seja, não significa que sua criação deve se dar depois que o socialismo ou o comunismo estiverem implementados. Isso não significa dizer que a educação mudaria a sociedade, mas que a implementação da proposta gramsciana de escola está dialeticamente ligada à extinção do modelo de escola atual.

O processo de trabalho como o princípio educativo, ponto central nos conceitos que Gramsci desenvolveu sobre a educação, está calcado na ideia de que o trabalho não pode ser dever de apenas alguns. Poucos não podem viver à custa do trabalho de muitos. Por meio do processo de trabalho, o homem humaniza-se, portanto, todos os homens devem submeter-se ao trabalho. O processo educativo deve estar alicerçado nestes princípios.

Portanto, para Gramsci, a “escola unitária” constitui-se numa proposta educacional voltada para a emancipação da classe trabalhadora. O compromisso político autor para com a superação da sociedade capitalista e implementação de um novo modelo de sociedade fica claro a partir da sua concepção do processo de trabalho. Embora não defenda que uma educação “desinteressada” deva aguardar a superação da sociedade capitalista, a condição para sua efetiva implementação está condicionada à superação deste modelo de sociedade que sobrevive à custa da exploração do trabalho.

Além disso, coloca o docente em um papel central na transformação dessa nova sociedade, pois é por meio deles que surgirão novos intelectuais orgânicos, dando ênfase em

uma educação que emancipa e transforma os indivíduos, rompendo os princípios hegemônicos das classes dominantes.

REFERÊNCIA(S) BIBLIOGRÁFICA(S)

1. Básica(s):

GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, 4ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S.A. 1992, 244p. Disponível no site eletrônico: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4660.pdf> . Acesso em 22 Mai. 2021 as 13h05min.

MONASTA, Attilio. *Antonio Gramsci*. Tradução: Paolo Nosella. Coleção Educadores. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010, 154p.

2. Complementar(es)

LIBANEO, J. C. *Adeus professor, Adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente*. 10. Ed - São Paulo, Cortez, 2007.

MOTA, Paulo Gurgel. *Educação e Trabalho: Uma Avaliação do Plano de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional em Fortaleza*. Fortaleza: 2011, 155 p. Dissertação. (Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas) Universidade Federal do Ceará, 2011.

2.1. Artigo(s)

ANGELI, José Mario. *Gramsci, Hegemonia e Cultura: relações entre Sociedade Civil e Política*. 10p. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/13903/7222>. Acesso em 10 out. 2021

JACOMINI, M. A.; MORAES, C. S. V. Os escritos de Antonio Gramsci e obras de intérpretes em teses e dissertações sobre políticas educacionais (2000-2010). *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 72, p. 209-230, nov./dez. 2018 Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/er/a/ZDw5z6VxyGq77gKSq3Z4qbj/?format=pdf&lang=pt> .
Acesso em 08 jun. 2021, às 20h58min.

MARTINS, M. F. *Gramsci, os intelectuais e suas funções científico-filosófica, educativo-cultural e política*; 2011, 18p. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pp/a/FKsBMn3N4njmwQvYW6C3Z5k/?lang=pt&format=pdf>

Acesso em 02 nov. 2021

MORAIS, Rogério de; MELO JÚNIOR, Arlindo Lins de; DOMINGUES, Tiago Cesar . *O papel do professor como intelectual orgânico à luz de Gramsci*. RPGE–Revista on line de Política e Gestão Educacional, Araraquara, v. 23, n. 1, p. 147-159, jan./abr., 2019.

Disponível no site: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/11709/8080> . Acesso em: 15 Jun. 2021, às 23h51min.

OLIVEIRA, Maria Cecília Marins de; NASCIMENTO, Maria Elisa Brum do. *A ORGANIZAÇÃO DA CULTURA NA PERSPECTIVA GRAMSCIANA*. Verinotio - Revista On-line de Educação e Ciências Humanas. Nº 8, Ano IV, Maio de 2008 - Publicação Semestral. Disponível em:

<http://www.verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/68/58> . Acesso em 10 out. 2021

OLIVEIRA, Rômulo Vieira de; SILVA, W. Diogo Andrade da . Contribuições do pensamento de Marx e Gramsci para a educação escolar. 2020, 12p. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/340245897_Contribuicoes_do_pensamento_de_Marx_e_Gramsci_para_a_educacao_escolar Acesso em: 31 out. 2021.

SEMERARO, Giovanni. *Intelectuais "orgânicos" em tempos de pós-modernidade*. Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 70, p. 373-391, set./dez. 2006, 19 p. Disponível em:

<http://www.cedes.unicamp.br/> ;

<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/tMQPbyYGVwLjsjcT9Kjf9Tx/?lang=pt&format=pdf> .

Acesso em: 08 Jun. 2021, às 21h54min.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. *Sociedade civil e Gramsci: desafios teóricos e práticos*. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 109, p. 5-30, jan./mar. 2012, 26p. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ssoc/a/7MYnzMSwhmj5twRCD7p4KRj/?lang=pt&format=pdf> .

Acesso em: 08 Jun. 2021, às 21h33min.